

Estúdio de gravação conduzido por Thomas (esq) e Carlos Dreher completa 30 anos de atividade sendo celebrado por bandas e artistas de todo o Brasil como um reduto para a produção de arte fonográfica independente



reportagem cultural

A egrégora Dreher

Cristiano Bastos

Nas páginas do livro *Gaules Irredutíveis*, o músico (e um dos fundadores da Graforréia Xilarmônica) Frank Jorge é certo ao desferir sua fala quanto ao contexto então reinante na capital gaúcha, antes do advento do estúdio de gravação que, desde meados da década de 1990, tem condução dos irmãos técnicos-produtores Thomas e Gustavo Dreher. Considerou Frank: “Pegamos uma época em que, se tu dizias num estúdio ‘faz assim’, o produtor já vinha com um: ‘Desse jeito eu não faço’. Somente a partir da entrada em cena do Estúdio Dreher, arremata, que tal situação de fato começou a mudar na cidade”. O depoimento de Frank Jorge tece uma crítica à atitude professoral e de certa forma castradora (sendo os maiores

afetados particularmente artistas que ambicionavam experimentar nos estúdios suas potencialidades sonoras) por parte daqueles que anteriormente davam as cartas e apertavam os botões nos domínios da produção fonográfica porto-alegrense.

Thomas Dreher endossa plenamente a assertiva de Frank. Na avaliação do renomado produtor, a geração de técnicos de gravação anterior (oriunda dos anos 1970 e que, naqueles dias, ainda mantinha-se presente) trazia consigo em sua *expertise* alguns vícios que acabavam por obliterar a inventividade dos músicos. “A música, pelo que parece, estava a serviço das técnicas de gravação. Mas, na realidade, o Gustavo e eu nos demos conta de que é ao contrário disso. Na verdade, as técnicas de gravação é que devem estar a serviço da música”,

conclui. Embora os dois irmãos sejam os preceptores dessa nova conjuntura, Gustavo, a partir de 1999, passou a atuar principalmente entre Rio de Janeiro e Brasília (continuando uma carreira como músico, técnico de som e produtor) e, ainda que permaneça colaborando ocasionalmente em eventuais produções, atualmente não conduz o estúdio, que fica sob a coordenação de Thomas.

Criado pelo dedicado pai Carlos Dreher (pastor de confissão luterana com larga experiência no ramo da radiofonia como diretor da Fundação ISAEC de Comunicação), a primeira peça fonográfica que materializou-se no estúdio foi *Vol.1*, álbum que, em 1997, marca o *debut* dos chapecoenses da Banda Repolho. Dali em diante, os Dreher rapidamente colheram fama devido à exímia qualidade dos serviços prestados. E nota-

damente também em virtude da sintonia que o estúdio passou a estabelecer, inaugurando no cenário local uma forma de relacionamento inovadora e criativa entre autores e técnicos. Nessas três décadas, por lá passaram bandas e artistas de distintas orientações estéticas, como Júpiter Maça, Ultramen, Plato Divorak, Cachorro Grande e Vídeo Hits.

Sintonia, aliás, é uma palavra-chave para se definir a mágica obtida no Estúdio Dreher. Predicado este que é ratificado por Stefano Fell, guitarrista da banda Loomer, a qual realizou a gravação do álbum *Hidden Everywhere* (com lançamento previsto para este ano) sob a batuta de Thomas. “Nas sessões, o Thomas contribui trazendo ao processo sua grande bagagem de experiências anteriores. O resultado foi enriquecedor. Ele interage como se fosse um

quinto elemento da formação”, enaltece Fell.

Para Thomas, nada disso teria sido possível sem a decisiva influência exercida por Carlos Dreher - o grande entusiasta e patrocinador do Estúdio Dreher. O pai propiciou aos irmãos desde a infância educação musical, também introduzindo-lhes decididamente nos meandros da produção nos meios de comunicação. Thomas destaca na figura paterna principalmente seu ponto de vista “religioso” na maneira de lidar com as coisas, sempre dedicado, solícito e bondoso. “Nosso pai acompanhou e apoiou nossa jornada na arte de fazer tratamento de áudio e gravar discos. Do Carlos Dreher herdamos seu espírito, entusiasmo e diligência”, engrandece.

Leia mais na página central